

## Mário Bigotte Chorão, jurista humanista, um filósofo tranquilo (1931-2020)<sup>1</sup>

Paulo Ferreira da Cunha<sup>2</sup>

**Resumo:** No presente artigo se evoca Mário Bigotte Chorão, figura maior da Filosofia do Direito em Portugal, recentemente falecido (1 de junho de 2020). Trata-se sobretudo de uma evocação pessoal, mas é indissociável o Homem da Obra. Pelo que esta muito se ilumina pela personalidade do autor. Tanto mais no caso, em que se tratava de alguém que vivia como pensava e pensava como vivia.

**Palavras Chave:** Mário Bigotte Chorão – Realismo Jurídico Clássico – Jusnaturalismo – Jusnaturalismo clássico – Filosofia do Direito – Direito Natural.

**Abstract:** In this article, Mário Bigotte Chorão, a major figure in the Philosophy of Law in Portugal, recently deceased (June 1, 2020), is evoked. It is mainly a personal evocation, but the Man and his Work are inseparable. Being the Work much illuminated by the personality of the author, someone who lived as he thought and thought as he lived.

**Keywords:** Mário Bigotte Chorão - Classic Legal Realism - Jusnaturalism - Classic Jusnaturalism - Philosophy of Law - Natural Law.



Mário Emílio Forte Bigotte Chorão

### *Da Memória em tempos pandémicos*

Hoje não sei já se vamos aprender as “lições de abismo” da pandemia. Coletivamente, tenho medo que fique apenas o uso de máscaras em alguns, mais cautelosos, e uma vaga reminiscência geral de um tempo de medo. Hoje também as filas do racionamento na II Guerra mundial ou, mais além, as mortes da pneumónica, não chegam a comover senão almas muito sensíveis e empáticas. A memória nos

---

<sup>1</sup> O presente artigo desenvolve textos que confiamos aos periódicos “Observador” e “As Artes entre as Letras”.

<sup>2</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença para o exercício do primeiro cargo).

jovens de hoje dos horrores dos anos entre 30 e 45 do século passado não parece ser efetiva... Há branqueamentos de memórias, e mesmo tentativas de reescrita escandalosa da História, quando não opera, pura e simplesmente, a ignorância ululante. Grandes males, filtrados pela distância do tempo, acabam por se tornar indolores. Ou quase...

Por isso é que é preciso escrever a quente sobre o que se teme que se olvide, ou venha a banalizar. Perder-se-á distanciamento, nalguns casos. Mas ganha-se a veracidade do testemunho. O futuro lá estará para amenizar eventuais exageros.

Faleceu no início deste mês uma figura que não andou na ribalta do mundo, mas que faz parte daquele escol que alguns dizem tanto faltar a Portugal, desde há séculos. Não é que o escol falte: o que não tem tido é eco nem poder. Um dia, um outro membro dessa elite (em Portugal a expressão não significa, como noutras latitudes “oligarquia”, precisamente o contrário) competente e de que depende a respiração mental e espiritual do país (sem que ninguém dê por isso) citou Heródoto: o problema é que há quem tenha saber sobre muito e contudo não possua poder sobre nada... Ainda hoje penso na força e na tristeza induzida por essa citação. Mas obviamente também tenho que pensar que, apesar do olvido de tantos valores, que vivem e morrem na penumbra, ou apenas acarinhados pelos seus pares (o que já não é pouco: tanto mais que o pior inimigo é, diz-se, “oficial do mesmo ofício”), ainda somos um país muito acarinhado pela Sorte, sobretudo nestes tempos de crise, em que tem havido, aos mais diversos níveis, quem tem estado à altura do desafio. Pode fazer-se, assim, sem sectarismo, um elogio global. Não para repousarmos sobre esses louros, mas para nos reconciliarmos com a nossa autoimagem. Ao menos um pouco. Temos valores e temos gente.

Apesar de nos últimos anos terem partido alguns dos nossos melhores. É o caso do que vos falo hoje.

### ***Um Jurista Humanista***

Bigotte Chorão é uma figura ímpar do nosso panorama intelectual, mas que não aparecia na comunicação social, nem creio que tivesse conta em redes sociais.

Influenciou gerações e gerações, que foram integrando uma fatia importante da *intelligentzia* nacional, sobretudo jurídica. Era professor de Direito, filósofo do Direito em especial, além de, ao longo da sua fecunda vida, ter cultivado várias áreas do mundo jurídico.

O nome certamente ecoará entre os juristas, mas, como o mundo universitário do Direito não tem *marketing* a promover os seus maiores, pode ser um ilustre desconhecido para a maioria das pessoas. As quais certamente venerarão (justamente) um matemático, ou um químico célebres, mesmo um poeta ou um escritor, ou, para citar John dos Passos, até um pugilista ou uma foca amestrada, mas, se não tiver sido político ativo e mediático, pouco relevo será tributado a um jurista.

Juristas, médicos da cultura, tradutores universais, que cuidam da paz social e arrostam consigo, pelo menos, culpas alheias dos crimes e dos castigos, irregularidades e incumprimentos, e representam a tentativa (que parece sempre vã) de endireitar o torto. Etiquetados, frequentemente com leviandade, como palavrosos, confusos e agindo em proveito próprio, os juristas, de quem, mais tarde ou mais cedo, nas complexas sociedade atuais, acabamos todos por precisar, chegam mesmo a ter algum pudor dos grandes inventores das suas teorias, ao contrário do que ocorre com todas as demais áreas do saber. Ossos do ofício. Os juristas sabem o que os espera.

Mário Bigotte Chorão deixou-nos há um par de dias. Os seus alunos recordam o seu ar imponente e elegantemente passeante na sala de aula, a sua voz cativante e o seu verbo interrogativo, interpelando as consciências. Sempre nele um chamamento ético, uma elevação metafísica, um apelo ao peso levíssimo da História, dos Clássicos, das fontes mais castálicas.

Um olhar vivíssimo certamente via mais além. Era também dessas pessoas que sorria com o olhar, dando uma sensação de comunhão ao interlocutor. Bom amigo, bom anfitrião, bom colega. Homem de palavra, de trato. Sempre dos primeiros a responder a uma carta, a agradecer um livro, numa letra desenhada elegantíssima, nunca com fórmulas feitas que parecem carimbos gastos, mas como manifestação de quem se interessa.

Era um *gentleman*, como o são os verdadeiros. Daquela delicadeza que começa pela alma. E que se manifesta sem untuosidades e salamaleques, natural como quem respira. Disso se distinguindo completamente dos “homens de corte” já retratados por Sá de Miranda.

Mas enquanto algumas dessas pessoas livres acabam por se enquistar numa certa rudeza ou aspereza, seguindo as vias solitárias do anacoreta, ele era uma pessoa convivencial. Não apenas amigo das tertúlias (falava com entusiasmo do Sabadoyle no Rio de Janeiro, já batizado de “último salão literário”), como da conversa em *tête à tête*. Mais que isso: era convivencial porque, mais ainda que simplesmente tolerante (o que seria já muito – para mais hoje), gostava de ouvir sincera e atentamente os outros, e de dialogar realmente com eles. Tinha uma grande eloquência na afirmação dos seus pontos de vista, mas jamais aniquilaria um oponente no diálogo, nem utilizaria um argumento menor, e muito menos desleal. A sua grandeza impedia-o como que num interdito físico; mas era uma alta vibração moral e intelectual.

Era, assim, um grande pedagogo. Não fui aluno dele, mas ouvi-o em muitas aulas e conferências, que ecoam no meu espírito ainda. O pedagogo não é o que, para se elevar, torna o fácil difícil e o difícil tão eriçado que impossível de alcançar. Na sua narrativa conversável, de uma serenidade que vinha do fundo de uma alma em paz, manava um rio tranquilíssimo e racional de clareza.

Era daquelas pessoas cujo discurso coerente se poderia escrever, taquigraficamente, com boa pontuação, à medida que falava. Sem ser monocórdico ou com aquela pose professoral que dita verdades-feitas.

Preciosidade, só bem avaliável por quem sabe, Bigotte Chorão era dos raríssimos a quem nunca ouvi um queixume, nem uma crítica sequer a um colega, a um burocrata, a um estudante. Nem uma única vez. Vivia com muita alegria (alegria serena, sem frenesim de entusiasta em transe) o seu trabalho de professor universitário, por entre os seus livros imensos num equilíbrio saudável com a Família e os Amigos.

No plano da investigação, sem querer inventar a pólvora, aderira a uma corrente secular, clássica, o realismo clássico, que em Direito tem como expoentes Aristóteles, a experiência jurídica romana e São Tomás de Aquino. O que não deixava de o municiar com bases sólidas para estar igualmente atento a reptos atualíssimos, desde logo os colocados pela bioética e questões afins, no fio da navalha das grandes decisões da vida e da morte...

Apesar de não recusar os grandes desafios jurídicos do nosso tempo, não era uma alma carcomida pelas teorias especiosas, nem atormentada pelas dúvidas corrosivas. A sua coerência levava-o a uma tranquilidade modelar, que deve ter inspirado muitos alunos, e certamente intrigado alguns...

Dele escolheria sobretudo três livros, para lermos e relermos, não apenas em sua homenagem, mas como seu legado fundamental. Livros que espero não se percam: a sua *Introdução ao Direito*, e os *Temas Fundamentais de Direito*, ambos com a chancela da Almedina, e o volume de recolha de vários ensaios editado pela Imprensa Nacional, *Pessoa Humana, Direito e Política*.

Só se a sua obra e a sua memória se perdessem é que nos teria deixado. Mas não: o seu exemplo permanece e a sua obra continua a inspirar-nos.

### ***Um Filósofo Tranquilo***

Mário Bigotte Chorão é (uso o presente quando as pessoas estão *sempre* presentes) um grande Amigo, que se ausentou temporariamente do nosso convívio há poucos dias. A última vez que o vi pessoalmente foi em Lisboa, num momento de alegria, solene primeiro, e de confraternização depois, em que me deu o gosto e a honra de comparecer. Como habitualmente, fomos depois falando pelo telefone. Tínhamos nova conversa pessoal no horizonte... Hospitalizado de surpresa, fui visitá-lo, mas já não permitiram que o visse.

Decidira de há muito dedicar-lhe o meu último livro, fruto de 15 anos de estudos, reformulações e publicações parciais e intercalares<sup>3</sup>. A obra saiu há não muitos dias, e gostava que ainda a tivesse podido ver. Há uma mensagem especial que queremos transmitir quando dedicamos sinceramente um livro a um Amigo.

Foi um dos meus principais mestres jusfilosóficos não académicos. Infelizmente, nunca foi meu Professor, mas ensinou-me muitíssimo. Ambos jusnaturalistas: ele realista clássico, eu neojusnaturalista crítico, evidentemente com muito em comum. Muitas leituras, desde logo: Aristóteles, São Tomás de Aquino, Michel Villey. Desse nosso diálogo se dá conta o Prefácio que fez ao meu livro *Repensar o Direito* (IN-CM).

Conheci-o pelas suas obras, que é talvez a melhor forma de conhecer alguém, quando esse alguém coloca tudo o que é naquilo que faz, lembrando Pessoa.

Leitor atento, comentador rigoroso, inspirado e com uma sedutora retórica, era também um tranquilo estar consigo mesmo, plenamente em paz com as suas ideias e ações e com os outros – totalmente ao contrário do paradigma do intelectual nervoso, inquieto e atormentado.

A forma como nos conhecemos pessoalmente é eloquente da sua afabilidade, da sua ironia (finíssima e nunca cortante) e da sua modéstia (um dos mais seguros sinais da alta craveira de qualquer pessoa, e em especial do Homem de Letras).

Convidado, muito jovem, para um congresso internacional em Espanha, há mais de 30 anos, encontrei, na carrinha que nos levava ao hotel, o jusfilósofo Gregorio Robles. Pessoa interessada, aproveitou o trajeto para me pedir uma panorâmica da Filosofia do Direito em Portugal.

Não era tarefa difícil. A Filosofia do Direito tem sido das áreas mais desprezadas e atacadas (certamente porque incomoda) desde há muito, até que foi pura e simplesmente abolida em Portugal, para só renascer, mais tarde, ao grito de alerta do ainda estudante Paulo Merêa e pelo subsequente ensino de Cabral de Moncada. Contudo, desde que renasceu, não tem deixado de haver quem a tenha pretendido ou eliminar, ou pura e simplesmente remeter para o rol das “perfumarias” jurídicas. Não

---

<sup>3</sup> *Filosofia do Direito e do Estado. História & Teorias* (Almedina). É o meu maior volume – 912 páginas, de panorama do pensamento ocidental sobre o poder e a normatividade, nos maiores autores e correntes.

havia, pois, muito a contar. Mais tarde, na *História do Pensamento Filosófico Português*, dirigida por Pedro Calafate, e em vários outros livros, haveria eu de traçar um panorama não muito diferente do que então, de forma oral, esbocei ao colega espanhol.

A figura de Bigotte Chorão ficara para o fim. E não pude deixar de, sinceramente, lhe tecer rasgados, e ao mesmo tempo creio que ponderados e documentados, elogios. Na altura, eu havia dele sobretudo lido, além de trabalhos dispersos, todas as suas obras publicadas em livro, que considerava e considero fundamentais: pela fidelidade puríssima a um pensamento, e pela elegância da exposição, longe do jargão bárbaro e futilmente carregado de eruditismos (antigos ou modernos) que, muitas vezes, pelo mundo fora, usam entorpecer e enlear o discurso filosófico-jurídico. Gregorio Robles ia-me escutando, sem comentários, apenas um ou outro pedido de esclarecimento.

Aproveitando um momento em que eu tomava fôlego, um suave toque nas costas e um pigarrear chamaram a minha atenção. Virei-me. Creio que nos viramos os dois. Uma figura elegante e imponente, atlética, com traços de inegável nobreza, e uma voz bem timbrada da mais fina delicadeza (mas que, anos depois, teria ocasião de ver com grande eloquência e firmeza também), pedindo desculpa por interromper, disse: “Não pude deixar de ouvir a vossa interessantíssima conversa, mas não posso estar de acordo sobre o Mário Bigotte Chorão.”

Não dando tempo para me refazer da surpresa, tranquilizou-nos, porém, imediatamente: “São palavras muito generosas e excessivas, as suas. Porque *eu* sou o Mário Bigotte Chorão”.

Penso sempre na felicidade deste encontro. Que se foi prolongando por incontáveis conversas pessoais e intermináveis telefonemas, de eu que saía sempre com aquela exaltação de alma que indica, segundo Hessen, a proximidade do mundo dos Valores.

É nesse Mundo que vejo este meu Mestre e meu Amigo.

Recebido para publicação em 04-06-20; aceito em 05-06-20